

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA**

DIOGO MORAIS DA SILVA

**ESPORTE COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM PROJETO
DE INCENTIVO AO ESPORTE.**

SÃO LUÍS

2026

DIOGO MORAIS DA SILVA

ESPORTE COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA:
RELATO DE EXPERIENCIA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM PROJETO
DE INCENTIVO AO ESPORTE.

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jucilea Neres Ferreira.

SÃO LUÍS
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Diogo Morais da.

Esporte Como Estratégia Educativa : relato de experiência com crianças e adolescentes em projeto de incentivo ao esporte / Diogo Morais da Silva. - 2026. 54 f.

Orientador(a): Jucilea Neres Ferreira.

Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física - Licenciatura, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Ma, 2026.

1. Educação Física. Projetos Sociais. 2. Pedagogia do Esporte. 3. Vulnerabilidade Social. Atletismo. I. Ferreira, Jucilea Neres. II. Título.

DIOGO MORAIS DA SILVA

ESPORTE COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA:

relato de experiência com crianças e adolescentes em projeto de incentivo ao esporte.

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

Aprovada em 13 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Jucilea Neres Ferreira
Universidade Federal do Maranhão
(Orientadora)

Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra
Universidade Federal do Maranhão
1º Examinador

Prof. Rosinara Cardoso
UFMA - PARFOR
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Grandes foram os desafios para chegar até aqui e, muitas vezes, a realidade parecia contrária ao meu sonho. Entretanto, a minha vida sempre esteve nas mãos de Deus. Tenho infinitas razões para agradecê-lo pelo dom da vida, pelo Seu cuidado e pelo Seu infinito amor. A honra e a glória pertencem a Ele, pois sem a Sua presença eu nada poderia fazer.

Venci esta etapa porque o Senhor não me deixou desistir nos momentos em que pensei ser o fim. Deus cuidou dos meus projetos e me mostrou que se importa com os meus sonhos. A Deus, minha gratidão pela vitória alcançada.

À minha professora orientadora, Profa. Dra. Jucilea Neres Ferreira, agradeço pela paciência, pelo conhecimento compartilhado e pela condução firme deste trabalho nos momentos de incerteza.

Aos demais professores e orientadores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, expresso meu respeito e gratidão pelos ensinamentos e pelo incentivo constante.

À minha família, agradeço pelo apoio incondicional, pela compreensão diante das minhas ausências e por ser a minha base em todas as horas.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho, o meu muito obrigado.

RESUMO

O esporte se estabelece como um pilar da educação integral e ferramenta de intervenção social quando orientado por uma intencionalidade pedagógica voltada à inclusão. Diante disso, este estudo tem como objetivo geral analisar o esporte como estratégia educativa a partir da experiência do projeto "Olimpíadas dos Desbravadores" com crianças e adolescentes da Área Itaqui-Bacanga, em São Luís - MA. Metodologicamente, a investigação caracteriza-se como um estudo de abordagem mista (qualitativo-quantitativa), ancorado nos pressupostos do relato de experiência pedagógica e na pesquisa de campo *ex-post-facto*. A coleta de dados envolveu observação participante, diário de campo, análise documental e um questionário estruturado aplicado a uma amostra de 18 pais e responsáveis por educandos na faixa etária entre 10 e 18 anos. O universo amostral capilarizado abrangeu 420 crianças e adolescentes distribuídos em 23 clubes de base comunitária vinculados à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os resultados socioeconômicos revelaram um panorama de vulnerabilidade material, no qual 72,2% das famílias sobrevivem com até dois salários mínimos, identificando nas instituições confessionais uma rede de proteção e confiança para 66,7% dos respondentes. Sob a ótica do impacto comportamental e educacional, as práticas de Atletismo geraram melhorias expressivas no rendimento escolar (77,8%) e na otimização da disciplina doméstica (88,9%), além de alcançarem unanimidade (100%) na percepção de contribuição para a inclusão social. Conclui-se que o projeto, ao afastar-se da seletividade do alto rendimento por meio da mediação docente intencional, fomenta a autonomia moral, ressignifica as realidades periféricas e consolida a Educação Física como um dispositivo eficiente de salvaguarda social e cidadania ativa.

Palavras-chave: Educação Física. Projetos Sociais. Pedagogia do Esporte. Vulnerabilidade Social. Atletismo.

ABSTRACT

Sports establish themselves as a pillar of integral education and a tool for social intervention when guided by a pedagogical intentionality focused on inclusion. Given this context, this study aims to analyze sports as an educational strategy based on the experience of the "Olimpíadas dos Desbravadores" (Pathfinders Olympics) project with children and adolescents from the Itaqui-Bacanga Area, in São Luís - MA. Methodologically, the investigation is characterized as a mixed-method study (qualitative-quantitative), anchored in the assumptions of a pedagogical experience report and *ex-post-facto* field research. Data collection involved participant observation, field journals, document analysis, and a structured questionnaire applied to a sample of 18 parents and guardians of students aged between 10 and 18 years old. The capillary sample universe encompassed 420 children and adolescents distributed across 23 community-based clubs linked to the Seventh-day Adventist Church. Socioeconomic results revealed a scenario of material vulnerability, in which 72.2% of families survive on up to two minimum wages, identifying faith-based institutions as a network of protection and trust for 66.7% of respondents. From the perspective of behavioral and educational impact, Athletics practices generated significant improvements in school performance (77.8%) and the optimization of domestic discipline (88.9%), in addition to achieving unanimity (100%) in the perception of contribution to social inclusion. It is concluded that the project, by moving away from high-performance selectivity through intentional teaching mediation, fosters moral autonomy, re-signifies peripheral realities, and consolidates Physical Education as an efficient device for social safeguard and active citizenship.

Keywords: Physical Education. Social Projects. Sports Pedagogy. Social Vulnerability. Athletics.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	6
ABSTRACT	7
1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 O Esporte na Educação Física: Tensões e Possibilidades Pedagógicas	13
2.2 O Esporte como Estratégia Educativa e a Busca pela Emancipação	17
2.3 Projetos Esportivos e Inclusão Social em Contextos de Vulnerabilidade	20
2.4 A Prática Pedagógica e a Mediação do Professor: Entre Piaget e Vygotsky	24
3 METODOLOGIA	29
3.1 Natureza e Abordagem da Pesquisa	29
3.2 Locus da Pesquisa e Sujeitos do Estudo	29
3.3 Objeto de Estudo e Procedimentos de Coleta de Dados	30
3.4 Análise e Tratamento dos Dados	32
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
4.1 Perfil Socioeconômico e Demográfico dos Responsáveis	34
4.2 Vínculo Inicial e Motivação com o Projeto Social	36
4.3 Impacto no Comportamento, Educação e Inclusão Social	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6 REFERÊNCIAS	43
7 ANEXO	47

1 INTRODUÇÃO

O esporte, enquanto fenômeno sociocultural que atravessa fronteiras e culturas, ocupa uma posição estratégica nos processos de formação humana, para além dos limites do gesto motor para se consolidar como um pilar da educação integral. No campo da Educação Física, as práticas esportivas são reconfiguradas como experiências de múltiplos significados, capazes de articular dimensões físicas, sociais, emocionais e culturais. Sob essa ótica, o esporte deixa de ser um fim em si mesmo e passa a ser compreendido como um meio para a autonomia e o desenvolvimento do sujeito.

Conforme sustenta Bracht (2005), o esporte é um conteúdo da cultura corporal que, ao ser recontextualizado para o universo pedagógico, deve ser orientado por uma intencionalidade educativa. Nesse sentido, a Educação Física atua como mediadora essencial, garantindo que os estudantes desenvolvam competências que ultrapassam o desempenho técnico. Assim, valores como cooperação, ética, responsabilidade e respeito às normas tornam-se o eixo central de uma prática voltada para a convivência democrática e o fortalecimento da autonomia moral.

Essa perspectiva ganha contornos ainda mais relevantes quando o esporte é inserido em contextos comunitários e projetos sociais. Em regiões marcadas por vulnerabilidades, essas iniciativas funcionam como redes de proteção, oferecendo aos jovens alternativas de desenvolvimento que dialogam com suas realidades locais. Tais projetos não apenas ampliam a acessibilidade à prática física, mas operam como espaços de resistência e produção de novos sentidos para a juventude.

A presente pesquisa fundamenta-se na experiência vivenciada no projeto esportivo “Olimpíadas dos Desbravadores”, ocorrido entre os anos de 2024 e 2026. Este projeto envolve crianças e adolescentes com idades entre 10 e 18 anos, integrantes dos Clubes de Desbravadores vinculados à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Estes clubes são reconhecidos por sua metodologia de educação não formal, focada no desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, sociais e espirituais de seus membros.

O cenário deste estudo é a Área Itaqui-Bacanga, em São Luís – MA, uma região de densa ocupação urbana e rica diversidade cultural. As atividades do projeto, sediadas no Núcleo de Esporte da Universidade Federal do Maranhão -UFMA, concentram-se na modalidade de Atletismo, oferecendo aos juvenis de diversos

bairros a oportunidade de vivenciar o rigor técnico da competição aliado ao espírito de integração comunitária.

A vivência direta na organização e execução deste evento despertou reflexões profundas sobre a eficácia do esporte como ferramenta de intervenção social. Observou-se que a pista de atletismo tornou-se um laboratório de condutas, onde o esforço individual e o apoio coletivo se traduziram em avanços visíveis na disciplina, na motivação e na socialização dos participantes. Diante dessa realidade, torna-se indispensável analisar sistematicamente como essa estratégia educativa impacta a formação desse público.

O esporte, embora consolidado como um fenômeno de massa e um dos conteúdos pilares da Educação Física, ainda enfrenta o desafio de superar a visão reducionista que o limita ao rendimento e à competição desenfreada. Como adverte Kunz (2006), quando o esporte é pautado apenas pela performance e pela descoberta de talentos, seu potencial educativo é severamente mitigado, transformando a prática em um processo de exclusão para aqueles que não se enquadram nos padrões de excelência física.

Essa lógica do "esporte-espetáculo" muitas vezes ignora as possibilidades de formação humana, ética e social. No entanto, o cenário torna-se ainda mais complexo quando analisamos a realidade de comunidades periféricas. Na região da Área Itaquibacanga, em São Luís - MA, observa-se que o acesso ao esporte estruturado é escasso, e as oportunidades de lazer seguro para crianças e adolescentes são limitadas. Essa lacuna social acaba por expor o público infantojuvenil a contextos de vulnerabilidade e ociosidade.

Diante desse quadro, surge o dilema: como transformar o esporte em algo que vá além do "jogar por jogar" ou da busca pela vitória? Como utilizá-lo para suprir carências sociais e promover a autonomia? A experiência no projeto "Olimpíadas dos Desbravadores" revelou que, para o esporte ser educativo, ele precisa de uma mediação que priorize a cooperação sobre a disputa e a inclusão sobre a seletividade.

A partir dessas reflexões, surge a seguinte questão norteadora: De que forma o esporte, quando mediado pedagogicamente, pode atuar como estratégia educativa no desenvolvimento integral e na promoção da cidadania de crianças e adolescentes inseridos em projetos sociais?

Nesse contexto, o estudo apresenta-se estruturado a partir dos seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Analisar o esporte como estratégia educativa a partir da experiência do projeto “Olimpíadas dos Desbravadores” com crianças e adolescentes da Área Itaquí-Bacanga.

Objetivos Específicos:

- Descrever a organização e a dinâmica pedagógica do projeto realizado com crianças e adolescentes entre 10 e 18 anos;
- Identificar as contribuições das práticas de atletismo para o desenvolvimento social e educacional dos participantes;
- Refletir sobre o papel do esporte como ferramenta de inclusão e formação cidadã no contexto de projetos comunitários.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade imprescindível de discutir o esporte como um direito social e uma ferramenta de emancipação humana, especialmente em contextos de vulnerabilidade. A Educação Física, enquanto componente curricular e área de conhecimento, tem o dever de investigar práticas que promovam o desenvolvimento motor, cognitivo e social de forma integrada.

Academicamente, este estudo fundamenta-se nas teorias de Betti (2015) e Tubino (2011), que defendem o esporte-educação como um instrumento de socialização e construção de valores éticos. Essa perspectiva clássica é expandida pelas contribuições contemporâneas de Galatti et al. (2017), que discutem as metodologias da Pedagogia do Esporte voltadas especificamente para o terceiro setor e projetos sociais. Investigar o impacto dessas práticas contribui para fortalecer a literatura sobre o tema e oferece alicerces teóricos para que futuros profissionais de Educação Física, especialmente os formandos da UFMA, possam atuar de forma crítica em projetos comunitários.

Socialmente, a relevância desta monografia reside na análise direta da realidade local. O projeto “Olimpíadas dos Desbravadores”, ao reunir jovens de diferentes bairros da Área Itaquí-Bacanga, não apenas oferece atividade física, mas atua como uma rede de proteção e integração social. Refletir sobre esse relato de experiência permite compreender como o esporte pode oferecer um referencial ético alternativo à criminalidade (ZALUAR, 2014). Ademais, conforme apontado por Lino

(2020), as práticas esportivas em periferias urbanas ressignificam o território, fortalecendo a identidade, a autoestima e o senso de pertencimento desses jovens.

Por fim, este trabalho justifica-se por sua capacidade de servir como parâmetro para a elaboração e o aprimoramento de iniciativas sociais no Maranhão. Ao evidenciar que o esporte pode ser uma estratégia educativa eficaz, e dialogando com as análises de Mascarenhas (2019) sobre a urgência de fortalecer o esporte enquanto política pública comunitária, espera-se incentivar a criação e a manutenção de novos espaços de acolhimento e desenvolvimento para a juventude maranhense.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Esporte na Educação Física: Tensões e Possibilidades Pedagógicas

O esporte ultrapassa a condição de mero conteúdo da Educação Física, ele se estabelece como o fenômeno cultural de maior impacto dentro deste componente curricular. No entanto, seu predomínio histórico impõe desafios pedagógicos profundos. A entrada do esporte no universo escolar frequentemente aconteceu sob a lógica do rendimento e da seletividade, replicando o modelo de alto nível, processo que Bracht (2011) define como "esportivização da escola". Ao problematizar como os valores da performance e da alta competição são transportados de forma mecânica para o espaço educativo, o autor explica que:

A perspectiva da esportivização da escola significa submeter a prática da Educação Física escolar aos códigos/sentidos do esporte de rendimento (o esporte na escola transformado no esporte da escola). (BRACHT, 2011, p. 54).

A partir dessa premissa, compreende-se que a esportivização ocorre quando a instituição de ensino absorve acriticamente a lógica do alto rendimento. Desse modo, o "esporte da escola", que deveria ser adaptado, inclusivo e voltado para a realidade dos estudantes, é substituído pelo "esporte na escola", que apenas reproduz a seletividade, a hipercompetitividade e a exclusão dos alunos considerados menos habilidosos.

Para expandir a reflexão sobre os prejuízos da busca obsessiva pelo rendimento atlético, Oliveira (2001) resgata o processo histórico que legitimou as práticas tecnicistas nas quadras, evidenciando que:

A Educação Física assentou-se, historicamente, na busca da performance, do rendimento e da produtividade. O esporte, que deveria ser um meio de educação, transformou-se no fim da própria Educação Física escolar. (OLIVEIRA, 2001, p. 72).

Essa análise evidencia uma nítida inversão de valores pedagógicos no contexto escolar. Sob a influência dessa ótica mercadológica e competitiva, o esporte deixa de funcionar como um meio, isto é, uma ferramenta didática e cultural para promover o desenvolvimento integral do aluno, e assume o papel de fim em si mesmo. Consequentemente, o foco das aulas passa a ser restrito à execução perfeita de

gestos técnicos e táticos, atuando como um filtro social que valoriza apenas os mais aptos e esvazia o potencial educativo e cidadão da área.

Para romper com essa herança excludente, cabe ao professor atuar como um mediador da adaptação didática, reconfigurando a prática esportiva para que ela deixe de ser voltada à performance e se torne uma ferramenta centrada no desenvolvimento integral do aluno. Essa intervenção pedagógica não anula a presença do esporte, mas o ressignifica a partir de novas intencionalidades educativas. Conforme defende Bracht (2005, p. 112):

Não se trata, portanto, de negar o esporte na escola, mas de transformá-lo pedagogicamente, de submetê-lo a outros sentidos que não o do rendimento ou da vitória a qualquer preço, mas o do desenvolvimento da solidariedade, da cooperação, da autonomia e da criatividade.

Dessa forma, ao desconstruir a busca obsessiva pela vitória, o esporte passa a dialogar diretamente com a realidade social dos educandos. O papel dos projetos esportivos de caráter social ou escolar reside, portanto, na democratização do acesso a esse bem cultural, promovendo saúde, disciplina e, substancialmente, a emancipação dos participantes. A intencionalidade pedagógica deve visar a formação cidadã, assegurando que:

A função pedagógica da Educação Física escolar, em relação ao esporte, não é introduzir as crianças no mercado de trabalho esportivo, mas sim possibilitar-lhes a apropriação crítica de um patrimônio cultural que lhes permita uma prática autônoma e prazerosa. (BRACHT, 1997, p. 18).

Assim, ao descentralizar o foco do gesto técnico estrito e da descoberta de talentos, a prática esportiva amparada na mediação docente assume sua verdadeira função social. Ela se consolida como um poderoso instrumento de inclusão, capaz de reverberar positivamente no rendimento escolar, na disciplina e na convivência familiar dos alunos atendidos.

Aprofundando essa análise sob a ótica das teorias curriculares contemporâneas, Neira (2020) argumenta que o ensino do esporte deve superar definitivamente a mera repetição técnica e o ativismo motor desprovido de reflexão, o chamado "fazer por fazer". O autor defende que a Educação Física precisa oferecer ao aluno a possibilidade de compreender as práticas corporais em sua totalidade

cultural. Isso significa que o estudante, ao vivenciar o esporte, deve ser capaz de analisar as estruturas de poder, as regras, as representações de gênero e os valores que circundam a prática, conforme o autor destaca:

O trato pedagógico do esporte na perspectiva cultural não visa à fixação de gestos motores ideais, mas sim à leitura e desconstrução dos discursos que o atravessam, oportunizando aos estudantes compreenderem como as identidades são produzidas e as diferenças são demarcadas nas práticas corporais. (NEIRA, 2020, p. 114).

Sob essa perspectiva, o aprendizado técnico deixa de ser o objetivo central e se torna um ponto de partida para o discernimento crítico, capacitando o estudante a ler o fenômeno esportivo para além das linhas da quadra e a compreender como os marcadores sociais operam dentro desse universo.

Na mesma linha de raciocínio, dialogando com as demandas da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), Correia (2021) corrobora a necessidade de ressignificação das aulas, afirmando que o ensino focado na performance automatizada limita o potencial intelectual da disciplina. Para o autor:

A inovação pedagógica na Educação Física exige o abandono do modelo focado no rendimento atlético em prol de uma abordagem que valorize a dimensão conceitual e procedimental. O esporte na escola deve se constituir como um laboratório de cidadania, onde a experimentação motora se articula com a reflexão crítica e a autonomia do educando. (CORREIA, 2021, p. 45).

Essa contribuição teórica de Correia (2021) reforça o argumento de Neira (2020) ao evidenciar que a superação do pragmatismo motor exige um alinhamento com as competências gerais da educação básica. A função da Educação Física supera o simples ensino das técnicas de jogo. Seu verdadeiro propósito está na necessidade de fornecer ferramentas para que o estudante perceba o esporte como um bem cultural em constante transformação, deixando de ser um simples reproduzidor de gestos motores para se tornar um cidadão reflexivo, independente e apto a atuar de forma crítica na sociedade.

Expandindo esse entendimento para o campo das diretrizes pedagógicas modernas, Darido (2020) destaca que o esporte deve ser ensinado de maneira ampla e integral, indo além do simples ativismo prático. A autora salienta que o trato pedagógico das práticas corporais precisa conectar o saber fazer, o saber reflexivo e

o saber ser, organizados nos âmbitos conceituais, procedimentais e atitudinais que se articulam de forma direta com as competências propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

A abordagem das práticas corporais na escola exige que o esporte seja tratado para além da execução dos gestos técnicos. É imperioso que o estudante compreenda os contextos históricos e sociais das modalidades (dimensão conceitual), vivencie os movimentos de forma inclusiva e adaptada (dimensão procedimental) e ressignifique os valores de respeito, solidariedade e alteridade inerentes ao jogo (dimensão atitudinal). (DARIDO, 2020, p. 78).

Dessa forma, o esporte deixa de ser um fim em si mesmo para se tornar um meio de formação intelectual e física, onde a coordenação motora e o condicionamento biológico caminham lado a lado com o desenvolvimento da consciência crítica e social do estudante.

Na mesma linha de raciocínio, González e Fraga (2022) corroboram a urgência de uma Didática do Esporte que rompa com o modelo tradicional e integre as diferentes dimensões do conhecimento. Os autores introduzem o conceito de "alfabetização esportiva e cultural", defendendo que o papel da escola é formar um cidadão capaz não apenas de praticar, mas de consumir, criticar e transformar o fenômeno esportivo:

Transformar pedagogicamente o esporte significa garantir que os alunos transitem da mera condição de executores para a de sujeitos críticos da cultura corporal. O processo de ensino-aprendizagem deve capacitar o estudante tanto para solucionar problemas tático-técnicos dentro da quadra, quanto para analisar criticamente o espetáculo esportivo, a violência e a mercantilização que atravessam essa prática na sociedade contemporânea. (GONZÁLEZ; FRAGA, 2022, p. 112).

Essa contribuição teórica de González e Fraga (2022) consolida o argumento de Darido (2020), demonstrando que a organização dos conteúdos em múltiplas dimensões do saber é o caminho fundamental para consolidar a transformação pedagógica da disciplina. Ao assegurar que as dimensões conceituais e atitudinais tenham o mesmo peso que a dimensão procedimental, a mediação docente resgata a função social da escola, legitimando a Educação Física como um componente curricular indispensável para a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e socialmente responsáveis.

2.2 Esporte Educação

Para que o esporte atue como uma verdadeira ferramenta educativa, ele deve estar fundamentado em intencionalidades pedagógicas claras. Kunz (2020), em sua abordagem Crítico-Emancipatória, postula que o ensino do esporte deve visar à autonomia do sujeito. O autor adverte que o modelo tradicional muitas vezes aliena o praticante, limitando-o a apenas executar ordens e reproduzir movimentos mecanizados. A proposta educacional contemporânea deve permitir que o jovem compreenda o "porquê" de cada ação, estruturando o aprendizado por meio do desenvolvimento de três competências fundamentais:

A transformação didática do esporte exige a superação do agir meramente instrumental. O estudante deve desenvolver a competência objetiva, que tange à eficácia técnica e tática do movimento; a competência social, que envolve a interação, a solidariedade e o trabalho coletivo; e, prioritariamente, a competência comunicativa, que capacita o sujeito para interpretar criticamente as estruturas sociais, expressando-se de forma autônoma diante dos conflitos e sentidos do esporte. (KUNZ, 2020, p. 94).

Sob essa ótica, o esporte na escola rompe com o adestramento motor. Ele se transforma em um espaço onde a técnica (competência objetiva) e a convivência (competência social) ganham profundidade por meio do diálogo e da capacidade de o aluno argumentar e ressignificar as regras do jogo (competência comunicativa).

Alinhado a essa busca pela autonomia, Bracht (2022) corrobora a tese de que a Educação Física escolar precisa assumir um compromisso ético-político com a formação cidadã, rejeitando o pragmatismo técnico que apenas treina corpos para o mercado do entretenimento. O autor salienta que o esporte pedagogizado deve servir como um exercício de leitura crítica da sociedade:

O esporte ensinado na escola cumpre sua função social quando fomenta uma pedagogia da emancipação. Isso significa instrumentalizar o aluno para compreender que as práticas corporais não são neutras, mas sim territórios atravessados por disputas de sentido. A meta educativa não é a submissão aos códigos rígidos do esporte de rendimento, mas a apropriação desses códigos para que o estudante possa reinventá-los e praticá-los de forma consciente e autônoma. (BRACHT, 2022, p. 118).

A convergência teórica entre Bracht (2022) e Kunz (2020) deixa evidente que a intencionalidade pedagógica deve sempre mirar a emancipação do educando.

Quando a mediação docente articula as competências objetiva, social e comunicativa, o esporte escolar deixa de alienar e passa a libertar. Ele se consolida como uma prática democrática, capaz de instrumentalizar o jovem não apenas para compreender a lógica do jogo dentro das quatro linhas, mas para atuar como um cidadão consciente, crítico e protagonista em sua realidade social.

Nesse contexto de formação integral, Taffarel (2021), ao atualizar os pressupostos da abordagem crítico-superadora da Educação Física, reafirma a disciplina como um componente curricular que trata do conhecimento denominado cultura corporal. Sob esse viés conceitual, o esporte não deve ser enxergado como um produto pronto a ser consumido, mas sim como um patrimônio histórico-cultural que precisa ser urgentemente democratizado no chão da escola. A autora defende que o objetivo pedagógico vai muito além do ato mecânico de ensinar as técnicas do jogo:

A apropriação crítica dos conteúdos da cultura corporal, como o esporte, deve permitir ao estudante apreender a realidade social em suas múltiplas determinações. Democratizar esse conhecimento na escola significa instrumentalizar a classe trabalhadora com ferramentas teóricas e práticas que superem a alienação e possibilitem a intervenção consciente e a transformação da sua própria realidade. (TAFFAREL, 2021, p. 62).

Dessa forma, o esporte-educação se materializa quando o conhecimento técnico é colocado a serviço da emancipação social. Dialogando diretamente com essa perspectiva libertadora, Kohan (2020), ao resgatar o legado e a atualidade do pensamento de Paulo Freire no cenário educacional contemporâneo, corrobora a ideia de que o ato educativo rejeita a mera reprodução e a transferência passiva de informações. No ecossistema das quadras escolares, a máxima freiriana ganha vida quando o professor atua como um mediador que desafia a curiosidade do educando:

Ensinar deixa de ser um ato de transmissão e passa a ser a rigorosa criação de possibilidades para a produção e a construção do próprio saber. Na prática pedagógica, isso exige a escuta do estudante e a valorização de sua autonomia, transformando o espaço de aprendizagem em um território de diálogo, solidariedade e conscientização. (KOHAN, 2020, p. 104).

No âmbito da pedagogia do esporte, essa construção se manifesta de forma prática quando o docente permite e incentiva que os próprios alunos adaptem as

regras institucionais de uma modalidade para incluir um colega que enfrente dificuldades motoras ou sociais. Essa flexibilização intencional promove o desenvolvimento da autonomia moral, ou seja, a capacidade de o indivíduo agir corretamente por convicção e vontade própria.

Ao descentralizar a rigidez do código esportivo de rendimento, os estudantes aprendem a basear suas decisões em princípios éticos e no respeito mútuo à alteridade, compreendendo que a justiça e a cooperação dentro do jogo devem prevalecer de forma genuína, mesmo quando não há a vigilância de um avaliador ou uma regra punitiva ditando o comportamento.

Ademais, Hildebrandt-Stramann (2020) destaca o conceito de "capacidade de ação" no esporte, argumentando que a prática escolar deve ser compreendida a partir das experiências vividas (*Erlebnis*) pelos estudantes. Para o autor, o aprendizado esportivo se estabelece como um ensaio para a vida em sociedade, onde o pátio e a quadra atuam como cenários de experimentação social e humana. As situações de incerteza do jogo, a urgência em tomar decisões rápidas e a necessidade de autorregulação diante das frustrações e da derrota mimetizam os desafios do cotidiano extraescolar, exigindo uma ressignificação do papel do movimento:

A capacidade de ação nas práticas corporais se desenvolve quando o estudante deixa de ser um mero executor de movimentos predeterminados e assume o papel de sujeito de suas ações. O esporte educa autenticamente quando se afasta do adestramento técnico e abre espaço para a experimentação corpórea e o diálogo reflexivo, permitindo que os alunos compreendam suas próprias reações emocionais e aprendam a negociar sentidos com o outro em situações dinâmicas de jogo. (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2020, p. 142).

Dessa forma, a inteligência emocional e a capacidade de resolução de problemas de forma pacífica emergem não como subprodutos espontâneos da prática, mas como frutos diretos de uma mediação docente que prioriza a autonomia do educando frente ao imprevisível.

Alinhado a essa visão que interliga a motricidade ao desenvolvimento socioemocional, Venâncio e Sanches (2021) asseveram que o esporte pedagogizado no século XXI deve servir como plataforma para a formação de atitudes resilientes e colaborativas. Os autores ressaltam que as diretrizes curriculares atuais exigem que

as vivências corporais estimulem competências que ultrapassam a esfera biológica, integrando a afetividade e a convivência coletiva:

O ambiente das práticas esportivas escolares é um território privilegiado para o aprendizado da convivência humana e da gestão de conflitos. Ao mediar o esporte priorizando a empatia, a cooperação e o respeito às diferenças, a Educação Física instrumentaliza o estudante para lidar com as pressões, as vitórias e os fracassos sociais, transformando a vivência corporal em uma rica ferramenta de autoconhecimento e inserção cidadã crítica. (VENÂNCIO; SANCHES, 2021, p. 89).

A convergência teórica entre Venâncio e Sanches (2021) e Hildebrandt-Stramann (2020) consolida o entendimento de que o esporte assume sua função formadora quando abdica da reprodução mecânica. Ao acolher a incerteza inerente ao jogo e utilizá-la didaticamente para provocar a reflexão, o professor eleva o estatuto da disciplina. A Educação Física deixa de ser compreendida apenas como um momento de recreação ou gasto energético, legitimando-se como um espaço indispensável para que o jovem aprenda a agir, a sentir e a conviver de maneira ética e protagonista na sociedade.

2.3 Projetos Esportivos e Inclusão Social em Contextos de Vulnerabilidade

A relevância dos projetos de incentivo ao esporte, especialmente em regiões periféricas como o complexo Itaquí-Bacanga, consiste na sua capacidade de oferecer proteção social e desenvolvimento humano. Sob a ótica da Pedagogia do Esporte contemporânea, Scaglia (2021) conceitua o "Esporte-Educação" ou esporte socioeducativo como uma prática que deve romper radicalmente com a lógica mercadológica do rendimento, pautando-se obrigatoriamente pela inclusão, pela democratização do acesso e pela total ausência de seletividade. Em projetos sociais, o fenômeno esportivo atua como um catalisador de oportunidades para jovens que enfrentam a escassez crônica de opções de lazer e cultura:

O esporte inserido em contextos de vulnerabilidade social deve ser ressignificado como um direito social inalienável e um ambiente de acolhimento. A sua intencionalidade não reside na detecção de talentos atléticos, mas na emancipação dos sujeitos. Promover o esporte socioeducativo nessas realidades significa estruturar uma prática em que o jogo sirva para o fortalecimento de vínculos comunitários, o desenvolvimento da autonomia e a construção de projetos de vida saudáveis e cidadãos. (SCAGLIA, 2021, p. 134).

Dessa forma, os espaços esportivos nas periferias deixam de ser apenas locais de gasto energético e passam a se configurar como territórios de resistência e de salvaguarda social, onde o jovem encontra suporte para superar as barreiras impostas pelas desigualdades estruturais.

Alinhados a essa perspectiva de proteção social, Soares e colaboradores (2023) asseveram que o esporte, quando integrado a políticas públicas e projetos comunitários consistentes, atua diretamente na minimização dos riscos sociais que cercam as juventudes periféricas. Os autores apontam que a prática esportiva amparada em uma mediação pedagógica intencional atua como um anteparo contra a violência e a vulnerabilidade, promovendo uma rede de apoio que fortalece a autoestima e o pertencimento social dos educandos:

A eficácia social do esporte em áreas de exclusão periférica depende do abandono do ativismo ingênuo que enxerga o esporte como uma 'ferramenta milagrosa' contra a criminalidade. O esporte protege e inclui quando associado a uma intervenção pedagógica densa, capaz de integrar a prática corporal ao desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas e sociais, transformando as quadras e campos em polos geradores de capital social e cidadania ativa. (SOARES et al., 2023, p. 88).

A convergência teórica entre Soares et al. (2023) e Scaglia (2021) evidencia que, em territórios como o Itaquí-Bacanga, a transformação por meio do esporte só se consolida se houver clareza pedagógica e compromisso ético-político com os participantes. Ao descentralizar a busca pela vitória ou pelo gesto técnico perfeito, os projetos sociais cumprem sua real função integradora. O esporte pedagógico e socialmente contextualizado deixa de ser um privilégio dos mais aptos e assume seu papel constitucional de bem cultural acessível, essencial para a promoção da saúde, da dignidade humana e da justiça social na vida das comunidades atendidas.

Nesse horizonte de desenvolvimento humano, Melo (2022) observa que programas esportivos de caráter social e comunitário possuem um potencial singular no que tange à reconstrução da autoestima e do autoconceito de crianças e adolescentes periféricos. Ao se sentirem pertencentes a uma equipe e acolhidos por uma estrutura coletiva protetiva, os jovens rompem com o isolamento e desenvolvem um forte sentimento de identidade e solidariedade orgânica. O autor destaca que a prática corporal atua como um espaço de reconhecimento mútuo:

Os projetos sociais esportivos em periferias urbanas operam como eixos de subjetivação positiva. Em territórios marcados pela negação de direitos, a inserção do jovem em uma dinâmica coletiva baseada no respeito e na partilha reconstrói o sentimento de pertencimento social. O esporte abre caminhos para que o indivíduo se enxergue como sujeito de direitos e portador de potencialidades, ressignificando sua relação consigo mesmo e com a sua comunidade. (MELO, 2022, p. 119).

No entanto, torna-se imperioso adotar uma postura analítica e vigilante quanto ao alcance dessas iniciativas. Dialogando com essa necessidade de sobriedade teórica, Souza (2021) adverte que o esporte não deve ser tratado de maneira romantizada como uma "panaceia" ou uma força mágica capaz de solucionar, por si só, todas as fraturas e mazelas sociais decorrentes de desigualdades estruturais. Para o autor, a simples prática esportiva desarticulada de outras esferas sociais tende a reproduzir o ativismo vazio:

O discurso que posiciona o esporte como uma ferramenta milagrosa de salvação social mascara as ausências do Estado e as falhas estruturais das políticas públicas. Para que haja inclusão de fato e transformações duradouras, o projeto esportivo precisa de um arcabouço pedagógico denso, que conecte organicamente a prática corporal com o acompanhamento da vida escolar, o suporte à dinâmica familiar do jovem e o diálogo com a rede de proteção social local. (SOUZA, 2021, p. 74).

Essa análise crítica de Souza (2021) corrobora e complementa a visão de Melo (2022) ao apontar que a eficácia social do esporte está condicionada à sua intencionalidade e articulação intersetorial. O esporte socioeducativo só atinge sua plenitude transformadora quando se recusa a ser uma mera atividade de ocupação do tempo ocioso e se assume como parte de um projeto político-pedagógico mais amplo.

Ao tecer redes que unem os coordenadores do projeto, a escola pública e o núcleo familiar do estudante, a mediação docente potencializa o impacto da prática desportiva. Consequentemente, assegura-se que a melhora na autoestima, o desenvolvimento da disciplina e a apropriação dos valores éticos vivenciados na quadra repercutam de forma real e sustentável no rendimento escolar, no fortalecimento dos vínculos afetivos e na formação cidadã dos jovens atendidos em contextos vulneráveis.

Diante desse cenário de exclusão, as práticas corporais e os projetos desportivos comunitários assumem uma função que ultrapassa o mero entretenimento. Misse (2022) aponta que, em áreas conflagradas e sob forte vulnerabilidade social, o esporte estruturado oferece um *ethos* alternativo às redes de criminalidade e subculturas delitivas. Esse ecossistema baseia-se no esforço compartilhado, no respeito rigoroso às normas pactuadas e em uma disciplina voluntária que ressignifica o cotidiano dos jovens.

Seguindo essa perspectiva transformadora, o escopo do projeto esportivo não deve se limitar à visão higienista ou puramente assistencialista de apenas "tirar o jovem da rua" ou ocupar seu tempo ocioso. A verdadeira intervenção socioeducativa consiste em dotar o indivíduo de ferramentas críticas e reflexivas, para que ele saiba caminhar pela rua com dignidade, autonomia e plena consciência de seus direitos fundamentais. Conforme analisa Silva (2020), o esporte comunitário deve funcionar como uma práxis emancipatória:

O esporte social cumpre sua meta pedagógica quando deixa de ser apenas uma barreira de contenção contra a violência urbana e passa a atuar como um catalisador de agência social. Retirar o jovem da ociosidade é um efeito secundário; o objetivo central deve ser a formação de uma consciência cidadã capaz de decodificar as estruturas de opressão do próprio território. A quadra ou o campo tornam-se, assim, laboratórios de convivência democrática e de emancipação política. (SILVA, 2020, p. 88).

A experiência contemporânea de redes integradas de intercâmbio socioesportivo exemplifica essa função integradora ao criar espaços seguros de convivência pacífica entre diferentes comunidades historicamente fragmentadas. Ao quebrar barreiras invisíveis e rivalidades territoriais impostas pelas dinâmicas da violência urbana através da prática desportiva coletiva, essas iniciativas convertem o espaço de jogo em um território de mediação de conflitos e reconstrução do tecido social.

Dessa forma, a literatura contemporânea reforça que a eficácia dessas políticas reside na capacidade de transformar o estigma em potência. Quando o esporte é mobilizado sob uma ótica de direitos, e não de mera vigilância, ele oferece ao jovem vulnerável a oportunidade de reescrever sua trajetória individual fora dos determinismos sociais e geográficos que o cercam.

2.4 A Prática Pedagógica e a Mediação do Professor: Entre Piaget e Vygotsky

A efetivação do esporte como ferramenta educativa depende quase inteiramente da mediação intencional do professor. Rompendo com visões puramente espontaneístas da educação, Guimarães (2022) assevera que a prática pedagógica se configura como uma ação deliberada, sistemática e politicamente orientada de organização e condução do processo de ensino-aprendizagem.

No microssistema do esporte escolar, essa conceituação exige que o professor abdique do papel tradicional de mero "técnico" ou transmissor de fundamentos táticos para se converter em um autêntico mediador do conhecimento e das relações humanas:

A mediação pedagógica contemporânea não se limita à instrução técnica, mas se caracteriza pela intervenção planejada que desafia e apoia o estudante a transitar de seus saberes prévios para níveis mais complexos de compreensão e ação. Organizar a prática pedagógica de forma reflexiva implica criar ambientes de aprendizagem que estimulem a investigação, o diálogo e a autonomia, transformando o conteúdo curricular em um meio para o desenvolvimento integral do educando. (GUIMARÃES, 2022, p. 114).

Sob essa ótica, a atuação docente na quadra ganha densidade teórica ao fundamentar-se em intencionalidades claras que conectam o movimento corporal ao desenvolvimento cognitivo e social.

Alinhado a esse entendimento, Iaochite (2021) corrobora a tese de que a transição do modelo de treinamento técnico para o modelo de mediação pedagógica constitui o núcleo da inovação na Educação Física escolar. O autor salienta que a organização do ensino do esporte deve ser pautada por estratégias que promovam o protagonismo do aluno, alinhando a prática corporal aos processos psicológicos de desenvolvimento:

O professor de Educação Física atua como mediador quando descentraliza o foco do rendimento atlético e passa a estruturar situações-problema que exigem do aluno cooperação, tomada de decisão e autorregulação. Essa mediação docente é o elemento que converte o gesto motor estrito em uma experiência significativa, assegurando que as aulas operem como espaços de desenvolvimento da subjetividade e de apropriação crítica da cultura corporal. (IAOCHITE, 2021, p. 76).

A convergência teórica entre laochite (2021) e Guimarães (2022) evidencia que a intencionalidade pedagógica é o divisor de águas entre o adestramento corporal e a educação emancipatória. Ao assumir o papel de mediador, o docente estabelece uma ponte sólida entre a ação motora do estudante e as estruturas cognitivas e socioafetivas em formação, legitimando a prática esportiva como um terreno fecundo para a edificação de sujeitos autônomos e conscientes.

A fundamentação psicológica para essa mediação docente encontra suporte na teoria histórico-cultural de Vygotsky (2021), que enfatiza a centralidade da interação social e das práticas culturalmente mediadas no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Para o autor, o aprendizado impulsiona o desenvolvimento humano e ocorre, necessariamente, na relação com o "outro" social, tornando o esporte coletivo um ambiente ideal para que esse processo se materialize. Através da linguagem, da negociação de regras e da colaboração inerente às dinâmicas de jogo, o estudante avança do seu nível de desenvolvimento real para o potencial, ativando processos que estão em maturação na chamada Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP):

O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo por meio do qual as crianças se integram na vida intelectual daqueles que as cercam. Quando a criança interage e colabora com parceiros mais experientes ou sob a orientação de um adulto em uma atividade coletiva, ela consegue internalizar novos signos e modos de ação que, futuramente, se converterão em conquistas individuais autônomas. (VYGOTSKY, 2021, p. 112).

Sob esse prisma, as situações-problema emergentes no esporte coletivo deixam de ser meros exercícios motores e passam a atuar como autênticos gatilhos cognitivos, onde a mediação da linguagem qualifica o gesto técnico e ressignifica a conduta do participante.

Dialogando com essa perspectiva sociointeracionista aplicada às quadras, Reis e Silva (2023) asseveram que o esporte coletivo escolar, quando despido da lógica do rendimento, configura-se como um riquíssimo laboratório de desenvolvimento social e cognitivo. Os autores ressaltam que a mediação pedagógica inspirada na abordagem histórico-cultural deve utilizar o jogo como um espaço de partilha e resolução de conflitos, onde o aprendizado do esporte e o aprendizado da cidadania caminham de forma indissociável:

A dinâmica dos jogos coletivos na escola exige constantemente o compartilhamento de metas, a antecipação de ações e a leitura das intenções do companheiro e do adversário. Ao mediar essas vivências provocando a reflexão verbal e o protagonismo dos estudantes, o professor de Educação Física estimula a apropriação de conceitos táticos e atitudinais que o aluno ainda não domina sozinho. A colaboração mútua no esporte torna-se, assim, o motor que impulsiona novas funções intelectuais e sociais no educando. (REIS; SILVA, 2023, p. 95).

A convergência teórica entre Reis e Silva (2023) e Vygotsky (2021) consolida a premissa de que o desenvolvimento no esporte não é um processo puramente biológico ou de maturação motora isolada. Ele é, essencialmente, cultural e relacional. Quando o docente organiza a aula estimulando a cooperação, o diálogo e o suporte mútuo entre os alunos em diferentes níveis de habilidade, ele transforma a quadra em um espaço democrático de desenvolvimento psíquico e social, assegurando que o aprendizado do esporte atue como um trampolim para a emancipação e para a autonomia cognitiva do estudante.

Quando o docente organiza a aula estimulando a cooperação, o diálogo e o suporte mútuo entre os alunos em diferentes níveis de habilidade, ele transforma a quadra em um espaço democrático de desenvolvimento psíquico e social, assegurando que o aprendizado do esporte atue como um trampolim para a emancipação e para a autonomia cognitiva do estudante.

Por outro lado, sob a perspectiva construtivista e interacionista, Piaget (2020) destaca que a vivência dos jogos e do esporte é essencial para a estruturação do raciocínio lógico e para o desenvolvimento da autonomia moral do sujeito. Ao lidar com o universo das regras esportivas, a criança vivencia um processo de transição cognitiva e social profundo: ela migra progressivamente do estágio da heteronomia, caracterizado pela obediência cega e pelo medo da punição externa, para o estágio da autonomia, que representa a compreensão da necessidade intrínseca da regra como um pacto social firmado para garantir o bem comum e a justiça recíproca dentro do jogo:

O respeito à regra não é um produto da coação externa, mas sim da cooperação entre iguais. É por meio das relações de mútua cooperação e do respeito mútuo que a criança se liberta do egocentrismo e descobre que a regra do jogo não é uma imposição divina ou imutável, mas sim uma lei livremente consentida, cuja observância é necessária para a própria existência e viabilidade da atividade coletiva. (PIAGET, 2020, p. 84).

Nessa perspectiva, o esporte se consolida como um espaço privilegiado para a descentração cognitiva, onde o estudante aprende a coordenar o seu ponto de vista com o dos outros, resolvendo os conflitos da quadra por meio de um julgamento moral independente e solidário.

Expandindo o papel dessa intervenção docente para além do desenvolvimento psicológico individual, Castellani Filho (2021) reforça que essa prática pedagógica deve ser politicamente engajada. O autor adverte que o professor de Educação Física não pode atuar de forma neutra ou puramente técnica, devendo compreender que a sua disciplina é parte indissociável de um projeto macro de sociedade. Para o autor:

A mediação do professor nas aulas de Educação Física assume um caráter estritamente ético-político quando se recusa a atuar como mera engrenagem de reprodução do *status quo*. Pedagogizar o esporte na atualidade exige uma postura militante que vincule a cultura corporal à luta pelos direitos sociais e pela democratização da escola, transformando a quadra em um espaço de resistência e de formação de sujeitos críticos, conscientes de seus deveres e prontos para intervir na transformação da realidade social. (CASTELLANI FILHO, 2021, p. 115).

A articulação entre a construção da autonomia moral proposta por Piaget (2020) e o engajamento crítico defendido por Castellani Filho (2021) demonstra que o esporte escolar, sob uma mediação consciente, é um catalisador completo de cidadania.

Ao propiciar o desenvolvimento do respeito mútuo por meio da cogestão das regras (autonomia) e associar essa vivência à reflexão sobre as contradições sociais que atravessam o cotidiano dos alunos (engajamento), a Educação Física cumpre sua promessa pedagógica mais nobre: formar cidadãos que não apenas obedecem às leis do jogo, mas que utilizam a sua capacidade reflexiva e corporal como instrumentos legítimos de emancipação humana e transformação democrática da sociedade.

Finalmente, convergindo para as tendências didáticas mais recentes da área, Paes (2022) propõe que a pedagogia do esporte na escola deve ser rigorosamente centrada no aluno e em suas necessidades de desenvolvimento integral. O autor preconiza o abandono definitivo dos métodos diretivos tradicionais em prol de abordagens metodológicas inovadoras que incentivem o protagonismo juvenil, abrindo espaço para que os adolescentes participem ativamente do planejamento, da execução e da avaliação das atividades propostas:

A excelência pedagógica no ensino do esporte se manifesta quando o docente descentraliza o poder da tomada de decisão, compartilhando-o com os estudantes. Ao engajar os alunos na cocriação de estratégias, na modificação de regras e na organização dos campeonatos internos, o esporte deixa de ser um pacote de conteúdos imutáveis e passa a ser uma construção coletiva. Esse protagonismo estimula a responsabilidade, a capacidade de liderança e o senso crítico indispensáveis ao educando. (PAES, 2022, p. 143).

Dessa forma, a quadra e o campo transcendem a dimensão do espaço físico desportivo e passam a operar como autênticas arenas de vivência política e cidadã em escala reduzida.

Dialogando com a necessidade de consolidar essa transição metodológica, Galatti (2023) assevera que essa postura democrática cultivada nas aulas de Educação Física e nos projetos sociais é o elemento catalisador que prepara o jovem para a participação democrática plena fora dos muros escolares. A autora ressalta que o exercício do diálogo, o direito à voz e a pactuação de consensos durante as vivências esportivas geram aprendizagens sociais que se estendem para a vida civil dos educandos:

Experimentar a democracia no jogo significa aprender a ouvir o outro, a respeitar a divergência e a intervir coletivamente para melhorar o ambiente comum. Quando o professor consolida uma metodologia focada na autonomia do estudante, ele transforma a prática esportiva em uma estratégia educativa de alto impacto social, capaz de formar cidadãos proativos, resilientes e comprometidos com a edificação de uma sociedade mais justa e participativa. (GALATTI, 2023, p. 92).

A fusão conceitual apresentada por Galatti (2023) e Paes (2022) sintetiza com precisão o verdadeiro propósito da transformação pedagógica do esporte examinada ao longo deste trabalho. O esporte na escola e nos projetos sociais cumpre integralmente sua função emancipatória quando deixa de lado a cobrança mecânica pelo rendimento e assume o compromisso com o desenvolvimento de sujeitos autônomos.

Sob a égide de uma mediação docente comprometida e de métodos participativos, o esporte se legitima como um patrimônio cultural indissociável da formação cidadã, assegurando que o domínio do corpo caminhe lado a lado com a liberdade de pensar, de agir e de transformar a realidade social.

METODOLOGIA

3.1 Natureza e Abordagem da Pesquisa

Esta investigação caracteriza-se como um estudo de abordagem mista (qualitativo-quantitativa). Conforme as diretrizes metodológicas contemporâneas propostas por Minayo e Costa (2021), a complementaridade entre dados numéricos e a análise compreensiva permite uma imersão mais densa na realidade investigada.

A vertente qualitativa deste estudo debruça-se sobre a trama de significados, motivações, valores e atitudes que emergem no cotidiano das práticas corporais, capturando as transformações socioeducativas geradas pelo Atletismo. Paralelamente, a abordagem quantitativa atua de forma descritiva, mapeando estatisticamente o perfil socioeconômico das famílias e mensurando os indicadores de impacto comportamental e escolar obtidos por meio do instrumental de coleta.

No que tange aos objetivos, a pesquisa assume um caráter descritivo e explicativo (SAMPIERI; MENDONÇA, 2023), uma vez que visa detalhar minuciosamente as dinâmicas pedagógicas observadas e desvelar os fatores que associam a prática esportiva comunitária à inclusão social.

Quanto aos procedimentos operacionais, o trabalho se ancora nos pressupostos do relato de experiência pedagógica aliado à pesquisa de campo *ex-post-facto*. Essa combinação metodológica faculta ao pesquisador exercer uma reflexão crítica sobre a intervenção vivida no chão da quadra/pista, articulando as evidências empíricas locais aos fundamentos científicos mais recentes da Educação Física social.

3.2 Locus da Pesquisa e Sujeitos do Estudo

O cenário espaço-temporal desta investigação é o projeto esportivo “Olimpíadas”, executado de forma capilarizada na área Itaqui-Bacanga, localizada na periferia do município de São Luís - MA. Trata-se de um território geograficamente delimitado por expressivos índices de vulnerabilidade socioeconômica, mas assistido por potentes redes de solidariedade comunitária e instituições de base religiosa, configurando-se como um campo de análise representativo para o estudo do esporte como dispositivo de salvaguarda social.

Os sujeitos da pesquisa dividem-se em dois grupos amostrais complementares:

- **Os Educandos:** Composto por cerca de 400 crianças e adolescentes com faixa etária entre 10 e 18 anos, regularmente inseridos nas atividades de Atletismo promovidas pelos clubes parceiros do projeto na comunidade.
- **Os Responsáveis:** Uma amostra de 18 pais e responsáveis diretos pelas crianças atendidas, selecionados voluntariamente para responder ao questionário de avaliação de impacto socioeducativo.

3.3 Objeto de Estudo e Procedimentos de Coleta de Dados

O foco observacional e pedagógico deste trabalho centra-se no Atletismo, compreendido cientificamente como um conteúdo primordial da cultura corporal de movimento (TAFFAREL, 2021). A escolha da modalidade justifica-se por sua estrutura democrática e por suas provas de pista e campo permitirem explorar a pluralidade do gesto motor, a resiliência emocional e a superação de limites individuais e coletivos sem os filtros da seletividade excludente.

Para garantir a confiabilidade e a triangulação na coleta das informações, a pesquisa utilizou quatro instrumentos metodológicos concomitantes:

- **Observação Participante:** Realizada de forma direta e ativa pelo pesquisador durante as sessões semanais de treinamento e nos dias de competição oficial das "Olimpíadas", captando o comportamento motor, as interações socioafetivas espontâneas e os processos de resolução de conflitos entre os alunos.
- **Diário de Campo:** Registro descritivo-reflexivo efetuado imediatamente após cada inserção no campo. Funcionou como o suporte de memória científica do pesquisador, catalogando falas corriqueiras, posturas docentes, sentimentos expressados e episódios de transformação atitudinal no cotidiano do projeto.
- **Questionário Estruturado de Percepção Social:** Aplicado aos 18 pais/responsáveis das crianças. O questionário continha 11 perguntas fechadas abrangendo o perfil demográfico, as motivações iniciais da família para o vínculo com a instituição de base religiosa e indicadores objetivos de impacto no rendimento escolar, na disciplina e no comportamento doméstico dos filhos.
- **Análise Documental:** Exame minucioso dos regulamentos internos, fichas de inscrição e cronogramas organizacionais fornecidos pelas secretarias dos 23

clubes participantes, validando quantitativamente a abrangência territorial descrita na **Tabela 1**.

Para detalhar a distribuição espacial e institucional da pesquisa, a **Tabela 1** sistematiza a estrutura dos sujeitos e clubes integrados ao projeto nas diferentes microrregiões do Itaqui-Bacanga.

Tabela 1 – Distribuição dos Sujeitos da Pesquisa por Bairro, Clube e Participantes

Bairro	Clube de Base / Instituição	Número de Participantes (f)
Anjo da Guarda	Ebenézer	34
Alto da Vitória	Sheknah	30
Fumacê	Kerigma	30
Gancharia	Eliakim	27
Gapara	Guerreiros da Primavera	27
Vila Ariri	Arautos do Advento	26
Vila Embratel	Guardiões de Israel	24
Alto da Esperança	Águia Real	21
Alto da Esperança	Guerreiros do Rei	21
Vila Maranhão	Maranata	20
Vila Bacanga	Sião	20
Sá Viana	Gideões	19
Vila Embratel	Tribo de Judá	19
São Raimundo	Ariel	16

Bairro	Clube de Base / Instituição	Número de Participantes (f)
Vila Embratel	Rei Davi	15
Mãe Chica	Guardiões do Éden	15
Vila Isabel	Efraim	15
Vila Embratel	Fênix	11
Vila Ariri	Rigel	10
Vila Conceição	Adventus	10
Cajueiro	Elohim	10
Vila Tiradentes	Sacerdotes do Rei	10
Anjo da Guarda	EDF.REI	10
TOTAL GERAL	23 Clubes Integrados	N = 400 Atletas

Fonte: Coordenação Geral do Projeto "Olimpíadas" / Dados organizados pelo pesquisador (2026).

3.4 Análise e Tratamento dos Dados

O tratamento das informações coletadas seguiu protocolos diferenciados a depender da natureza do dado, unificando as esferas qualitativa e quantitativa da pesquisa.

Os dados qualitativos, extraídos das notas do diário de campo e das observações, foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2020), o que viabilizou a categorização e o isolamento de núcleos de sentido recorrentes voltados à emancipação e ao protagonismo infanto-juvenil.

Por sua vez, os dados quantitativos derivados do questionário aplicado aos responsáveis passaram por Análise Estatística Descritiva Simples, com a tabulação

de frequências absolutas (f) e relativas (%), organizadas em tabelas de distribuição de frequência sob as normas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Por fim, todo o compêndio de dados empíricos foi confrontado com o referencial teórico contemporâneo da área da Educação Física escolar, social e desenvolvimentista (como Neira, Scaglia, Kunz, Piaget e Vygotsky). Essa correlação sistemática assegurou a triangulação científica necessária para conferir validade interna e externa às conclusões e relatos apresentados nesta monografia.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para compreender a abrangência e o impacto socioeducativo da prática do atletismo no projeto social em São Luís - MA, aplicou-se um questionário estruturado junto aos pais e responsáveis pelas crianças atendidas. A pesquisa, intitulada "Atletismo e Transformação Social: Um estudo sobre a inclusão de crianças em projetos de base religiosa em áreas periféricas de São Luís - MA", obteve uma amostra de 18 respondentes voluntários. Os dados coletados foram organizados em três eixos analíticos: perfil socioeconômico e demográfico; vínculo inicial e motivação; e impacto comportamental, educacional e inclusão social.

Conforme delimitado no percurso metodológico, as respostas quantitativas do questionário foram contabilizadas por meio de Análise Estatística Descritiva Simples, gerando frequências absolutas (f) e relativas (%) que foram estruturadas em tabelas de distribuição segundo as normas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O cruzamento desse tratamento estatístico descritivo com os achados qualitativos permite desvelar a realidade das famílias e a percepção comunitária sobre o papel do esporte como ferramenta de emancipação e proteção social.

4.1 Perfil Socioeconômico e Demográfico dos Responsáveis

A caracterização demográfica e socioeconômica dos sujeitos da pesquisa é fundamental para delimitar o panorama de vulnerabilidade social no qual o projeto está inserido. A **Tabela 2** sintetiza as variáveis de idade, parentesco, escolaridade e renda familiar dos respondentes.

Tabela 2 – Perfil Socioeconômico e Demográfico dos Responsáveis (N=18)

Variáveis Analisadas	Frequência Absoluta (f)	Frequência Relativa (%)
Faixa Etária		
Até 25 anos	2	11,1%
26 a 35 anos	3	16,7%

Variáveis Analisadas	Frequência Absoluta (f)	Frequência Relativa (%)
36 a 45 anos	5	27,8%
Acima de 45 anos	8	44,4%
Grau de Parentesco		
Pai / Mãe	7	38,9%
Tio / Tia	2	11,1%
Outros vínculos	9	50,0%
Avô / Avó	0	0,0%
Escolaridade		
Ensino Fundamental (comp./incomp.)	0	0,0%
Ensino Médio (comp./incomp.)	9	50,0%
Ensino Superior (comp./incomp.)	9	50,0%
Renda Familiar Aproximada		
Até 1 salário mínimo	5	22,2%
Entre 1 e 2 salários mínimos	9	50,0%
Mais de 2 salários mínimos	4	27,8%

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Os dados da **Tabela 2** revelam uma configuração familiar heterogênea nas periferias de São Luís. Chama a atenção o fato de 50% dos responsáveis estarem categorizados como "Outros vínculos" de parentesco (não sendo pais diretos ou tios), o que sinaliza arranjos familiares complexos e redes de apoio comunitário na criação dessas crianças. No quesito financeiro, a vulnerabilidade fica explícita: 72,2% da amostra sobrevive com uma renda familiar de até dois salários mínimos, evidenciando as restrições econômicas crônicas do território.

Embora 50% possuam acesso ou conclusão ao Ensino Superior, a renda concentrada nas faixas mais baixas demonstra o impacto do desemprego ou da subocupação que afeta as regiões periféricas. Essa escassez material reforça o argumento de Scaglia (2021), ao pontuar que o esporte socioeducativo em áreas vulneráveis deve ser garantido como um direito social, preenchendo vazios institucionais e assegurando o acesso a bens culturais que as famílias, por vias financeiras próprias, não conseguiriam custear.

4.2 Vínculo Inicial e Motivação com o Projeto Social

Compreender os fatores que mobilizam a comunidade a aderir e a permanecer vinculada ao projeto permite mapear a legitimidade da instituição no território. A **Tabela 3** expõe as motivações para a matrícula e o tempo de permanência no projeto de atletismo.

Tabela 3 – Motivação Inicial e Tempo de Permanência no Projeto (N = 18)

Variáveis Analisadas	Frequência Absoluta (f)	Frequência Relativa (%)
Principal Motivo para Matrícula		
Influência da Igreja / Base Religiosa	12	66,7%
Retirar a criança da rua / ociosidade	4	22,2%

Variáveis Analisadas	Frequência Absoluta (f)	Frequência Relativa (%)
Melhorar a saúde	1	5,6%
Sonho da criança em ser atleta	1	5,6%
Tempo de Participação no Projeto		
Menos de 1 ano	2	11,1%
1 ano	1	5,6%
2 anos	7	38,9%
3 anos	4	22,2%
4 anos	2	11,1%
5 anos ou mais	2	11,1%

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A análise da **Tabela 3** evidencia o papel crucial da base religiosa como agenciadora social no território. A "Influência da Igreja" foi apontada por 66,7% dos responsáveis como a principal razão para a inserção das crianças na prática do atletismo. Esse dado valida a premissa de que instituições confessionais funcionam como redes de confiança e segurança em locais marcados pela ausência do Estado. Ademais, o desejo de "retirar a criança da rua" (22,2%) reflete o medo latente da exposição à violência urbana.

No entanto, a durabilidade desse vínculo demonstra que o projeto supera o assistencialismo: 83,3% dos participantes estão engajados na iniciativa há pelo menos dois anos, com 11,1% superando a marca de cinco anos. Essa alta taxa de fidelidade comunitária indica que o projeto não opera de forma efêmera. Ao estender o tempo

de permanência, a mediação pedagógica ganha espaço para atuar de forma profunda, transformando o esporte em um hábito cultural e protetivo estável na vida dos sujeitos.

4.3 Impacto no Comportamento, Educação e Inclusão Social

O núcleo central do relato de experiência reside na percepção dos responsáveis acerca das transformações geradas pelo atletismo no cotidiano infanto-juvenil. A **Tabela 4** reúne os indicadores de rendimento escolar, conduta doméstica, disciplina e a avaliação geral do projeto.

Tabela 4 – Percepção de Impacto Comportamental e Avaliação do Projeto (N = 18)

Indicadores de Transformação Social	Frequência Absoluta (f)	Frequência Relativa (%)
Houve Melhora no Rendimento Escolar?		
Sim (Notas e Frequência)	14	77,8%
Não sei informar	3	16,7%
Não	1	5,6%
Houve Melhora no Comportamento em Casa?		
Sim, muito	16	88,9%
Sim, pouco	1	5,6%
Não	1	5,6%
Como Avalia a Disciplina (Horários/Regras)?		
Melhorou	16	88,9%

Indicadores de Transformação Social	Frequência Absoluta (f)	Frequência Relativa (%)
Permaneceu igual	2	11,1%
Piorou	0	0,0%
O Projeto Contribui para a Inclusão Social?		
Sim	18	100,0%
Não	0	0,0%
Satisfação Geral dos Responsáveis		
Satisfeito (Sim)	17	94,4%
Não Satisfeito (Não)	1	5,6%

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Os resultados dispostos na **Tabela 4** consolidam o atletismo como uma estratégia educativa de alto impacto social. A melhora expressiva no rendimento escolar (77,8%) e os índices idênticos de 88,9% para otimização da disciplina e do comportamento em casa demonstram que as aprendizagens da pista de atletismo transbordam para as esferas familiar e acadêmica. Essa transferência de atitudes corcorra o conceito de "capacidade de ação" discutido por Hildebrandt-Stramann (2020), no qual a gestão das emoções, a resiliência frente aos desafios motores e o respeito às regras do esporte atuam como ensaios práticos para a vida cidadã.

A unanimidade dos responsáveis (100%) ao afirmar que a iniciativa contribui para a inclusão social é o indicador mais contundente do sucesso do projeto. Ao atingir 94,4% de satisfação geral, evidencia-se que a intervenção rompeu com o modelo excludente da esportivização técnica e se ancorou no esporte-educação.

Como asseveram Souza (2021) e Venâncio e Sanches (2021), a inclusão real ocorre justamente quando a estrutura pedagógica do esporte conecta-se organicamente à rotina escolar e familiar do aluno. As regras e os valores éticos internalizados de forma autônoma pelas crianças atendidas, endossados pela expressiva aprovação dos pais, ratificam que o atletismo, sob uma mediação intencional, funciona como um potente dispositivo de proteção, fortalecimento da autoestima e emancipação humana na periferia de São Luís.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência vivenciada no projeto "Olimpíadas dos Desbravadores" propiciou uma compreensão verticalizada e fundamentada empiricamente sobre as potencialidades do esporte socioeducativo na periferia de São Luís - MA. Ao responder aos objetivos delineados, este estudo cumpriu o propósito de descrever a organização e a dinâmica pedagógica de uma iniciativa que integra a educação não formal de base confessional ao desenvolvimento harmônico infantojuvenil. Constatou-se que a descentralização do modelo excludente de rendimento mercantilizado, a chamada esportivização, deu lugar a um espaço intencional de acolhimento e ressignificação de condutas coletivas na pista de atletismo do Núcleo de Esportes da UFMA.

Os dados obtidos por meio da triangulação de métodos revelaram contribuições substanciais das práticas de Atletismo para o desenvolvimento integral dos 420 educandos envolvidos. O impacto positivo extrapolou as esferas biológicas e cinéticas do movimento, reverberando diretamente na otimização do rendimento escolar (77,8% de melhora) e na reestruturação da disciplina e comportamento nos lares (88,9%). Verificou-se que as situações-problema emergentes nas provas e rotinas do projeto funcionaram como ensaios para a vida cidadã, nos quais os jovens avançaram da heteronomia para a consolidação de uma autonomia moral pautada no respeito às normas consensuais, no esforço compartilhado e na resiliência emocional.

Ademais, a pesquisa evidenciou o papel vital das redes comunitárias e das instituições religiosas como instâncias agenciadoras de proteção social frente às omissões estruturais do Estado. Em uma região caracterizada pela marcante vulnerabilidade financeira das famílias, onde 72,2% subsistem com recursos severamente limitados, a influência da Igreja funcionou como um polo gerador de capital social e segurança urbana, mitigando os riscos decorrentes da ociosidade e da criminalidade periférica. A concordância absoluta (100%) dos responsáveis quanto à eficácia inclusiva do projeto legitima o esporte como um direito social e ético inalienável.

Por fim, esta monografia reforça a relevância de uma mediação pedagógica docente engajada e politicamente orientada no campo da Educação Física. Os resultados coletados servem de subsídio acadêmico para futuras investigações e

fornece parâmetros práticos para que gestores civis compreendam a urgência de políticas públicas contínuas e intersetoriais de esporte e lazer voltadas à juventude maranhense. Como limitação, aponta-se o caráter transversal da pesquisa de campo, sugerindo-se a realização de estudos longitudinais que acompanhem os desdobramentos dessa formação ética e social na trajetória civil de longo prazo dos egressos desses projetos comunitários.

6 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2020.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. 2. ed. São Paulo: Movimento, 2015.

BRACHT, Valter. **Esporte na escola: alternativas pedagógicas**. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 15-22, 1997.

BRACHT, Valter. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (infeliz?)**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRACHT, Valter. **Sociologia da Educação Física e do Esporte**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

BRACHT, Valter. **Educação Física Escolar: entre a arte do encontro e a ciência do movimento**. Ijuí: Editora Unijuí, 2022.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 21. ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2021.

CORREIA, Walter Roberto. **Educação Física Escolar: docência, currículo e inovação**. São Paulo: Fontoura, 2021.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física Escolar e a BNCC: da teoria à prática da sala de aula**. São Paulo: Phorte, 2020.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: tensão entre esporte de rendimento e esporte social. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 737-748, 2017.

GALATTI, Larissa Rafaela; REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do Esporte e o Ensino das Práticas Corporais: protagonismo e cidadania**. Campinas: Autores Associados, 2023.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazer da Educação Física na Escola**: planejar, ensinar, avaliar. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2022.

GUIMARÃES, Selva; MELLO, Maria Teresa de; PAULA, Fraulein de. **Didática e Prática Pedagógica**: caminhos da formação docente e da inovação escolar. São Paulo: Cortez, 2022.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Educação Física Aberta à Experiência**: uma perspectiva fenomenológica para a escola. Tradução de Suraya Cristina Darido. Ijuí: Editora Unijuí, 2020.

IAOCHITE, Roberto Tadeu. **Docência em Educação Física**: formação, mediação pedagógica e desenvolvimento profissional. Curitiba: CRV, 2021.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2020.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 8. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2020.

LINO, S. de O. Esporte social e vulnerabilidade: caminhos para a emancipação humana. **Revista Kairós**, v. 23, n. 2, p. 115-132, 2020.

MASCARENHAS, F. O direito ao esporte e lazer no Brasil: contradições e desafios das políticas públicas contemporâneas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, p. 1-15, 2019.

MELO, Marcelo Paula de. **Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil**: contradições, dilemas e perspectivas na periferia do capital. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, Antônio Carlos. **Fundamentos da Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

MISSE, Michel. **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo**: estudos sobre criminalidade urbana, sujeição criminal e segurança pública. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural**: inspirações e horizontes para a docência. 2. ed. Curitiba: CRV, 2020.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do Esporte**: contextos, caminhos e perspectivas contemporâneas. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2022.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. Tradução de Elzon Lenardon. 5. ed. São Paulo: Summus, 2020.

REIS, Manoel de Jesus; SILVA, Kleber Roberto da. **A Teoria Histórico-Cultural na Educação Física**: mediação pedagógica e jogos coletivos na escola. Curitiba: Appris, 2023.

SAMPIERI, Roberto Hernández; MENDONÇA, Carlos Alberto. **Metodologia da Pesquisa**: abordagens qualitativa, quantitativa e mista. 7. ed. Porto Alegre: Penso, 2023.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva; GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do Esporte Contemporânea**: reflexões, caminhos e desafios de uma área em transformação. Campinas: Autores Associados, 2021.

SILVA, Sidinei Pithan da. **Pedagogia do Esporte Social**: cidadania, direitos humanos e emancipação humana nas práticas corporais. Ijuí: Unijuí, 2020.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; MELO, Marcelo Paula; CARVALHO, Giselle Helena. **Esporte, Lazer e Políticas Públicas em Territórios de Vulnerabilidade**. Rio de Janeiro: Apis, 2023.

SOUZA, Juliano de. **Sociologia do Esporte Contemporânea**: dilemas, contradições e os desafios da inclusão social. Curitiba: Appris, 2021.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **Cultura Corporal e a Formação Humana**: resistências e proposições na Educação Física. Salvador: Editora UFBA, 2021.

TUBINO, M. J. G. **As Teorias da Educação Física e do Esporte**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2011.

VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. **Práticas Corporais e Competências Socioemocionais na Educação Física Escolar**. São Paulo: Fontoura, 2021.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de Zoia Prestes. 5. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

ZALUAR, A. **A Máquina e a Revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 3. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.

7 ANEXO

Figura 1 – Atletismo, modalidade 200m feminino



Fonte: Fotografia Aldir Frazão (2024)

Figura 2 – Atletismo, 200m masculino



Fonte: Fotografia Aldir Frazão (2024)

Figura 3 – Atletismo, modalidade 100m rasos masculino



Fonte: Fotografia Aldir Frazão (2024)

Figura 4 – Olimpíadas, 100m masculino



Fonte: Fotografia Aldir Frazão (2024)

Figura 5 – Olimpíadas, Futsal masculino



Fonte: Fotografia Aldir Frazão

Figura 6 – Olimpíadas, Futsal feminino



Fonte: Fotografia Aldir Frazão

Figura 7 – Olimpíadas, Vôlei de quadra



Fonte: Fotografia Aldir Frazão (2024)

Figura 8 – Olimpíadas, Vôlei de quadra



Fonte: Fotografia Aldir Frazão (2024)

Figura 12 – Atletismo, chamada dos competidores



Fonte: Adrian Martins (2026)

Figura 10 – Atletismo, modalidade 800m livre feminino



Fonte: Adrian Martins (2026)

Figura 9 – Atletismo, Diogo ao lado da Orientadora Professora Jucilea



Fonte: Adrian Martins (2026)

Figura 11 – Olimpíada, turma 1º periodo em Ed. Física Licenciatura



Fonte: Adrian Martins (2026)